



Os perigos de tudo poder

A Psicanálise caminha junto à Genética e questiona a moral romântica das escolhas pós-modernas absurdas. Qual é afinal o princípio da responsabilidade de cada um?

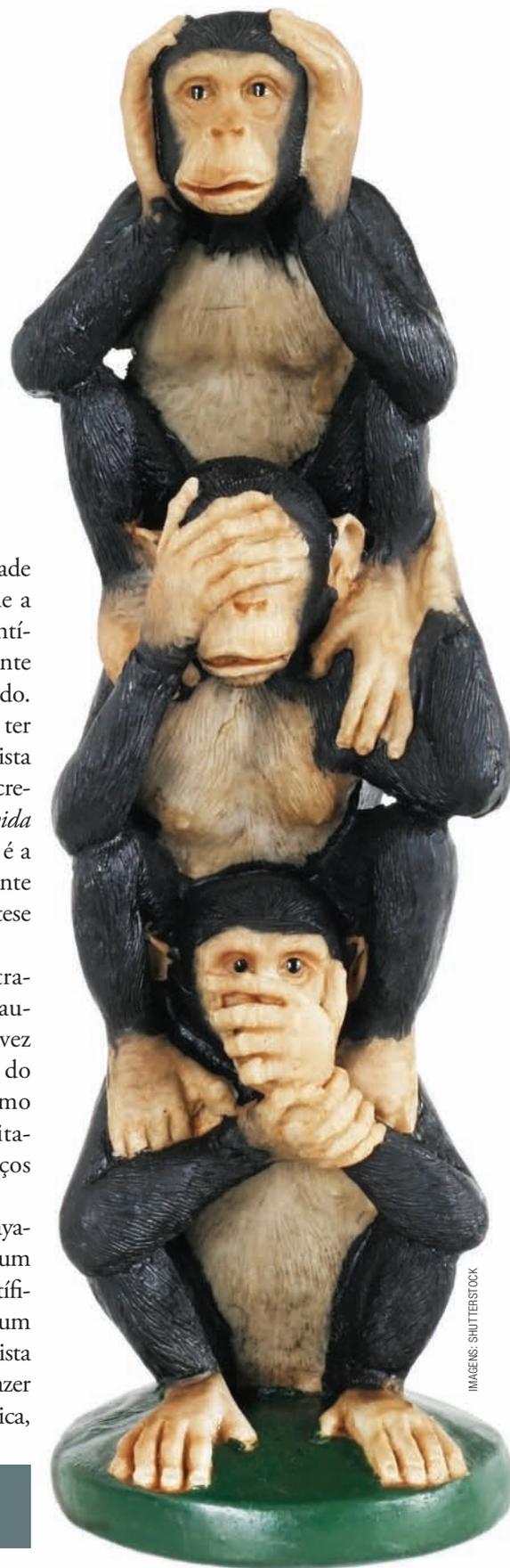
Há quatro anos, convidados pela professora Mayana Zatz, titular de genética médica da Universidade de São Paulo (USP), criamos uma clínica de Psicanálise no Centro do Genoma Humano dessa universidade. Pode parecer estranho a muitos essa junção de Genética com Psicanálise e isso porque popularmente se tem a ideia que Genética é uma disciplina empírica e objetiva e a Psicanálise é estrutural e subjetiva. Uma, a Genética, trabalharia no eixo de causa e efeito, estabelecendo relações biunívocas sem falhas, outra, a Psicanálise, seria sempre relativa ao contexto, sem possibilidade de generalização, trabalhando na singularidade do caso a caso. Pois bem, o que motivou a criação de uma clínica de Psicanálise em um centro de genética foi exatamente a constatação de que o aumento do conhecimento das nossas bases genéticas, a possibilidade de hoje decodificarmos o DNA de uma pessoa, não traz nenhuma paz eterna a nossas dúvidas de como viver, ao contrário, a massa de informações

que recebemos aumenta a necessidade da interpretação. Quem achou que a Genética seria uma astrologia científica e que geneticista seria o vidente da pós-modernidade, se viu frustrado. Sobre isso, o primeiro homem a ter seu DNA decodificado, o geneticista norte-americano Craig Venter, escreve na abertura de seu livro *Uma vida decodificada*, o seguinte: “O DNA é a música. Nossas células e o ambiente são a orquestra”, o que é uma síntese poética do que dizíamos.

Temos vários aspectos desse trabalho a abordar, coisa que farei paulatinamente nessa coluna; dessa vez questionemos onde está o limite do uso dos avanços científicos, como nos posicionarmos frente às inusitadas possibilidades que esses avanços produzem?

No seu *blog* da revista *Veja*, Mayana Zatz cita que a revista *Nature*, um dos mais prestigiados veículos científicos do mundo, acaba de publicar um artigo de Alan Handyside, especialista de reprodução assistida, que, ao fazer o balanço de vinte anos dessa prática,

Jorge Forbes é psicanalista e médico-psiquiatra. É Analista Membro da Escola Brasileira de Psicanálise (A.M.E.), Preside o IPLA - Instituto da Psicanálise Lacaniana e dirige a Clínica de Psicanálise do Centro do Genoma Humano da USP. www.jorgeforbes.com.br



IMAGENS: SHUTTERSTOCK

“QUEM ACHOU QUE A GENÉTICA SERIA UMA ASTROLOGIA CIENTÍFICA E QUE GENETICISTA SERIA O VIDENTE DA PÓS-MODERNIDADE, SE VIU FRUSTRADO”

conclui preconizando que no chamado “DPI”, sigla de “Diagnóstico Pré-Implantação”, em caso de dúvida, “Deixem que os pais decidam”.

DE BOAS INTENÇÕES...

É simpática essa posição, ela se baseia na moral romântica de que os pais, sempre querendo o melhor para os seus filhos, seriam os melhores decisores, inclusive sobre a vida que ainda vai existir. Muitas vezes funciona relativamente bem, porém nem sempre. Vejamos, a título de exemplo, um dos casos relatados por Dena Davies, em seu recente livro: *Genetic Dilemmas*. Pais surdos, nos Estados Unidos, estão optando por implantar embriões com o mesmo tipo de alteração que eles têm e, quando contestados em sua vontade, argumentam que a vida em silêncio é melhor e que não permitir que seu filho seja tão surdo quanto eles, os pais, seria uma forma perniciosa de discriminação, blá, blá, blá. Durmasse com um barulho desses, é o caso de dizer. Pode ser evidente o absurdo, mas não é tão evidente a solução, a ponto dessa prática já existir em alguns estados americanos.

Um dos melhores livros sobre uma nova ética necessária para esses tempos pós-modernos, *Princípio da Responsabilidade*, de Hans Jonas, defende a ideia, sensível a todos, que pela primeira vez na história da humanidade, por causa do imenso avanço da tec-

nologia, o homem pode mais do que deseja. Se antes o limite do que queríamos era dado pela possibilidade dos meios disponíveis, ou seja, pela impossibilidade de se obter tudo o que se pretendia, hoje não, a oferta de meios é muito maior que a possibilidade de utilização. Mais evidente que no domínio da genética, esse problema já se nota nas aberrações de cirurgias plásticas feitas em série, criadoras de robôs esticados, ou em dermatologias cosméticas responsáveis pelas caras de bruxa ou de paisagem, botocadas além de qualquer sentido estético.

O CRITÉRIO DA CERTEZA

Mas, voltemos ao exemplo do dilema genético que citamos: o que fazer com pais surdos que querem implantar um embrião com a mesma alteração, ou, ainda, na mesma linha, com pais anões que querem ter filhos à sua

altura, no duplo sentido? Será que o psicanalista tem a resposta? O jurista? O educador? Difícil, muito difícil, pois não há uma solução para todos. A resposta de Jonas, que está no título do livro, é o Princípio da Responsabilidade de cada um, frente ao acaso e à surpresa, eu acrescentaria. Agora, tudo se complica quando se trata de tomar uma decisão pelo outro, quando este outro ainda vai nascer. Alguém vai dizer que primeiro cresça e depois escolha. Será que alguém que um dia ouviu o barulho do mar, o som de uma orquestra, o canto da voz humana, preferiria ser surdo? O problema é que aquilo que é evidente para a maioria não funciona como critério de certeza suficiente, em uma sociedade customizada. A pensar.

